Resposta Hegemônica aos Ideais Revolucionários: Contrarrevoluções e o seu Impacto no Sistema Internacional

Gabriela Freitas dos Santos
*Luísa Acauan Lorentz**

RESUMO: O objetivo deste trabalho é compreender o processo das contrarrevoluções, suas implicações nas revoluções e seu impacto sobre oSistema Internacional de forma geral.Dessa forma, busca-se analisar como a ordem hegemônica responde às revoluções, modificando sua própria estrutura, e como esse processo acaba por fortalecer o sistema hegemônico. Para isso, primeiramente são abordados alguns pontos teóricos importantes para fins de conceituação e, em seguida, analisa-se o exemplo da Revolução Russa e da ascensão da URSS para entender como o conflito ideológico da Guerra Fria acabou por reestruturar e fortalecer o própriosistema capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução; Contrarrevolução; Guerra Fria; Capitalismo.

* Graduandas em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Introdução

Se o estudo das revoluções vem ganhando espaço no campo das Relações Internacionais apenas recentemente, a temática das contrarrevoluções ainda é, no entanto, pouco abordada. Isso implica em um entendimento apenas parcial sobre as revoluções, visto que ambos os processos - revolucionário e contrarrevolucionário - interagem de forma dialética e inseparável. Portanto é preciso avançar o estudo sobre contrarrevoluções, bem como a compreensão sobre como estas afetam as revoluções e, de forma mais ampla, o Sistema Internacional.

As contrarrevoluções, assim como as revoluções, são elemento constitutivo da história moderna das relações internacionais, tanto por possuírem frequentemente causas internacionais quanto por buscarem afetar a política através das fronteiras internacionais, de modo a incidir nas relações interestatais e no ordenamento mundial (HALLIDAY, 1999). Dessa forma, é necessário avançar e aprofundar o debate sobre as contrarrevoluções para compreender as relações internacionais e os constrangimentos às revoluções, bem como seus limites.

Este trabalho busca analisar como a ordem hegemônica responde às revoluções, modificando sua própria estrutura, e se esse processose configura como alternativa reformista ao projeto revolucionário, de forma a garantir a manutenção do *status quo.* Busca-se compreender de que forma essas adaptações podem fortalecer o próprio Sistema. Para tanto, pretende-se fazer uma retomada teórica sobre as contrarrevoluções, aplicando-a ao caso-chave da Revolução Russa de 1917 e da ascensão da URSS, para entender como o conflito com o bloco ocidental acabou por reestruturar o próprio Sistema Capitalista, contribuindo para a sua hegemonia ao fortalecer as ideias de bem-estar social como resposta ao comunismo. Por fim, pretende-se avaliar brevemente o atual contexto de transição posterior ao fim da URSS e o que esse contexto implica para as revoluções e seu significado.

2 Discussão sobre o Conceito

"Contrarrevolução" é um termo que abrange um fenômeno bastante heterogêneo, o que dificulta definição e identificação claras. Pode referir-se à derrubada

de um regime revolucionário por oponentes dentro do próprio país, com apoio externo; à tomada do poder não por representantes do antigo governo, mas por uma facção contrarrevolucionária dentro do próprio movimento; ou, ainda, às políticas ou movimentos projetados não para derrubar ou prejudicar um regime revolucionário existente, mas para prevenir que um movimento chegue ao poder (HALLIDAY, 1999).

A expressão pode significar tanto um pensamento ou uma doutrina quanto uma variedade de reações à revolução, abrangendo também projetos políticos concretos que buscamo retorno à velha ordem. Estes geralmente culminam, todavia, em uma restauração "administrada" desta, pois, não sendo mais possível manter a totalidade da ordem anterior: são mantidas algumas heranças revolucionárias que não sejam percebidas como ameaças diretas à manutenção da ordem restaurada (HALEVY, 1991). Isso porque a contrarrevolução nunca consegue restaurar as estruturas prévias de forma plena - para isso, seria preciso voltar ao tempo anterior à revolução, visto que não há como apagar seus efeitos dos rumos da história. Assim como o movimento revolucionário alega rejeitar o passado, mas não consegue fazê-lo totalmente, a contrarrevolução não consegue realizar a restauração daquilo que foi derrubado (HALLIDAY, 1999). Pode, no entanto, desmantelar o sistema político criado pela revolução e restaurar os principais elementos sociais e políticos da ordem anterior. Assim, uma contrarrevolução pode ser considerada uma restauração tática da aparência de velha ordem, ainda que sob nova estrutura social, mas que permanece compatível com o capitalismo.

Para Halliday (1999), o termo se refere, então, às políticas e estratégias que buscam a reversão de uma revolução e, por consequência, a prevenção de movimentos revolucionários que, mesmo ainda não o tendo feito, possam vir a tomar o poder - incorporando, de tal forma, tanto a reversão ou derrubada quanto a supressão ou contenção. Dessa forma, são contrarrevoluções os golpes destinados a impedir que grupos revolucionários cheguem ao poder ou, ainda, golpes ou medidas sociais e políticas, incluindo reformas, que busquem derrubar regimes reformistas já estabelecidos, para evitar medidas mais radicais (HALLIDAY, 1999). Como exemplo, Halliday (1999) cita as reformas agrárias feitas pelos EUA após

1945, primeiro no Extremo Oriente, depois no Irã e na América Latina, projetadas para se antecipar a qualquer revolução camponesa.

Para Arno Mayer (1971), a contrarrevolução em sua forma tradicional é aquela entendida como resposta a um movimento revolucionário já existente, podendo ser identificada como "contrarrevolução posterior".Há ainda três tipos principais que seriam, na verdade, "antirrevoluções", porque buscam evitar que elas aconteçam. Nesses casos, inclui-se a "contrarrevolução preventiva", que se antecipa à chegada de um grupo revolucionário ao poder, tal qual os golpes na Itália, em 1922, e na Alemanha, em 1933; e a "contrarrevolução disfarçada", que às vezes acompanha a reforma imposta de cima e trabalha para neutralizar ou anular essa reforma; e a "antecipatória", que envolve a destruição da oposição revolucionária ao regime estabelecido (MAYER, 1971). A contrarrevolução antecipatória difere da preventiva na medida em que, naquele caso, o governo em questão já detém o poder e usa de grupos indicados por Mayer (1971) como fascistas, proto-fascistas ou extremistas, para manter-se no poder, enquanto no movimento preventivo os contrarrevolucionários tomariam o poder em nome da manutenção da ordem.

Para entender os movimentos contrarrevolucionários, sejam eles posteriores ou anteriores à realização de fato da revolução, é primordial a percepção de que a própria existência da revolução já é em si hostil, mesmo em situações em que há somente o potencial para uma revolução. Segundo Halliday (1999), os sistemas internacionais requerem um grau de homogeneidade - a norma internacional que sustenta um sistema não significa apenas padrões convencionais aceitos pelos Estados, mas também significa que os Estados e suas sociedades devem partilhar de algum grau de similaridade em sua constituição doméstica para que o sistema funcione. A revolução significa justamente a derrubada dessa similaridade, ameaçando, portanto, também a ordem do sistema como um todo, na medida em que foge da norma convencionada.

Esse argumento também é corroborado por Kissinger (1957). Para o autor, o período revolucionário é marcado por uma tomada de consciência, já que a rotina política comum é perturbada e passa a ser desafiada. Dessa forma, a mudança trazida pela revolução não representa exatamente uma disputa sobre questões políticas específicas, mas sim um ataque à própria ordem vigente (KISSINGER, 1957).

Assim, não é uma questão de a revolução ameaçar atacar outros Estados ou não, pois seu impacto é duplo: tanto da política que efetivamente leva a cabo para o exterior, quanto do impacto mais amplo, "do efeito de demonstração" (HALLIDAY, 1999, p. 2). De tal forma, é também o próprio desafio ideológico, representado por um outro modelo de sociedade baseado em outras fundações, que leva as potências a responderem buscando garantir a manutenção do status quo (BURKE, 1852). Era essa a ameaça que a União Soviética representava para os EUA, contribuindo para a crise de sua hegemonia, principalmente na década de 1970 (HALLIDAY, 1999).

Cabe ressaltar que a própria contrarrevolução, quando posterior à revolução já consumada, também ameaça a ordem vigente (MAYER, 1971). Isso porque, mesmo que a contrarrevolução seja bem-sucedida em silenciar uma revolução já ocorrida, a neutralização nunca será completa, conforme mencionado. A ordem já terá sido alterada, de maneira que, quando é possível perceber a aproximação de uma revolução, os Estados preferem agir preventivamente.

Independentemente da nomenclatura, a bibliografiatilizada permite afirmar que o fenômeno da contrarrevolução, em suas mais variadas formas, abrange tanto o elemento precaucional ou preventivo, *a priori* à revolução, quanto o elemento remediador ou aplacador, *a posteriori* àquela. De forma concisa, pode-se considerar que a característica definidora do fenômeno contrarrevolucionário é a busca pela manutenção de determinada ordem e dos princípios que a acompanham, estejam eles apenas percebidos como ameaçados ou já tendo sido derrubados por um movimento revolucionário, entendido como aquele que ameaça os valores estabelecidos e compartilhados pelos Estados.

3 A Contrarrevolução como Intervenção

Halliday (1999) aponta que o envolvimento internacional mais direto nas contrarrevoluções é aquele dos Estados que intervêm em outro, empregando seus recursos para opor-se a um regime revolucionário. A intervenção direta, contudo, apresenta várias limitações e resultados escassos. Segundo o autor, em todo o período de 1789-1989, a contrarrevolução definida como a derrubada coercitiva de um

regime revolucionário já estabelecido (a contrarrevolução posterior de Mayer) só foi alcançada em duas ocasiões: na derrota de Napoleão, em 1815 em Waterloo, e na derrota esmagadora do regime marxista de Granada em 1983. Em relação à contrarrevolução definida como a violenta repressão de movimentos revolucionários, ou seja, daqueles que ainda tentam chegar ao poder, Halliday (1999) afirma haver mais casos em que o objetivo foi alcançado, mas mesmo nesses casos, o limite de tais políticas ainda é muito grande. Aponta então para os exemplos da intervenção Aliada na Rússia, logo após a Revolução de 1917; das intervenções francesas no Vietnã, em 1954, e na Argélia, 1962; das guerras norte-americanas na Indochina, nos anos 1960 e 1970; e dos conflitos no Irã e na Nicarágua em 1979.

As intervenções diretas são uma forma de demonstrar reação contrária e antagonizar o Estado revolucionário, mas às vezes se prendem mais à retórica do que aos resultados práticos para alcançar a destruição do regime rival. Dentre as dificuldades para que a intervenção se consolide está a constante necessidade de lidar com a opinião pública, tendência crescente com a revolução das comunicações, e de conciliar os interesses da política doméstica (HALLIDAY, 1999). Mesmo quando a posição da política doméstica está a favor da oposição à revolução, dificilmente os movimentos contrarrevolucionários são homogêneos, de forma que as forças políticas contrarrevolucionárias nem sempre compartilham a mesma visão de um possível projeto de contrarrevolução. Apesar de estarem reunidos pela recusa ao movimento revolucionário, isso não implica que recusem os mesmos elementos, o que muitas vezes dificulta a formulação de um projeto unificado (HALEVY, 1991).

A opinião doméstica, em especial a opinião da sociedade em geral, está geralmente menos disposta a sustentar os altos custos - tanto humanos quanto políticos e econômicos - de uma intervenção quando esta se dá em outro Estado (HALLIDAY, 1999).Diante disso, a construção da imagem de que a mera existência da revolução ameaça a própria ordem do país interventor é essencial para justificar a adoção de tal política. Quando essa percepção passa a ser questionada pelo público, a tendência é que o governo contrarrevolucionário tenha cada vez mais dificuldade em justificar a manutenção da política intervencionista junto àsua população. Foi esse o caso, por exemplo, do esgotamento da intervenção

norte-estadunidense no Vietnã, o que levou os EUA a adotarem estratégias visando àdiminuição do impacto e dos custos das intervenções em outros países[1].

3.1 A abordagem da intervenção indireta e o papel da ideologia

Além da ação direta, as intervenções que os Estados realizam em outros para contrapor os regimes revolucionários também podem assumir um caráter indireto, de forma geral utilizando-se de fatores ideológicos e culturais para incidir sobre o regime revolucionário, em um processo alusivo às guerras psicológicas ou às guerras de propaganda.

As formas de intervenção indireta mencionadas por Halliday (1999) são: apoio a guerrilhas, perturbação nas fronteiras e auxílio financeiro a grupos de oposição dentro do Estado revolucionário. Além disso, essas intervenções também podem tomar um caráter mais ideológico, próxima às táticas de guerra psicológica, por meiodo uso de propaganda contra o regime ou de sanções econômicas que possam enfraquecer o governo revolucionário e o seu apoio popular. Entretanto, esse impacto ideológico não se resume apenas ao resultado imediato das políticas estatais que buscam interferir nas revoluções. Existe um efeito propagador dessas políticas vistoque, assim como as revoluções, as contrarrevoluções criam uma atmosfera ideológica e psicológica ao seu redor, causando um impacto na sociedade que vai além do efeito das políticas estatais.

Nesse debate ideológico, é importante destacar o papel essencial que a política internacional desempenha. Ela se torna um mecanismo de propagação dos ideais e é utilizada como uma forma de guerra civil "global", em queas fronteiras das nações importam menos do que os interesses sociais ou ideológicos. Assim como o espírito revolucionário inspira processos para além das fronteiras, o mesmo pode acontecer com as contrarrevoluções. Entretanto, Halliday (1999) assinala que as contrarrevoluções também passam por dificuldades em "atravessar fronteiras" para além da retórica, e que a internacionalização de uma revolução ou contrarrevolução se torna mais prováveis apenasna medida em que os processos sociais tomam corpo ao longo do tempo.

1 Primeiramente, a Guerra do Vietnã foi responsável por mudanças de abordagem na política externa dos EUA, tornando-se mais seletiva a partir da orientação da Doutrina Nixon. Na prática, a contenção da influência soviética seria feita de modo mais indireto e, portanto, menos custoso, auxiliando movimentos contrarrevolucionários.

Ainda sobre o papel da ideologia nas revoluções e contrarrevoluções, Goldstone (1991) avalia que existem três fases no processo da revolução: a pré-revolução, o período anterior à ruptura estatal; o esforço revolucionário; e a reconstrução estatal e a estabilização da autoridade. Segundo Goldstone (1991), a partir do momento em que as amarras institucionais do regime anterior são quebradas, a ideologia e a cultura desempenham um papel crucial na ordem política que se desenvolve após a revolução.

Dessa forma, podemos concluir que para dominar uma revolução a ideologia precisa dispor de um arcabouço capaz de interpretá-la para o grande público e de permitir que ela possa desempenhar um papel na orquestração política. Da mesma forma que a ideologia tem esse papel central para revolução, o mesmo acontece com a contrarrevolução. Segundo Molnar (1969), o objetivo dos movimentos contrarrevolucionários é demonstrar que as revoluções perturbam a natureza orgânica da sociedade. Ou seja, as revoluções proporcionariam uma quebra na harmonia que compõe a vida comunitária e isso naturalmente iria contra o ritmo verdadeiro dos processos da sociedade. Dessa forma, as contrarrevoluções são bem-sucedidas na medida em que provamo equívoco dessa disrupção revolucionária e fortalecem o "ritmo natural" das sociedades. Assim, as ideologias contrarrevolucionárias costumam retomar precisamente aquilo que as revoluções buscam combater.

Por fim, para ilustrar a importância da ideologia no embate entre revolução e contrarrevolução ressaltamos a perspectiva de Halliday (1999) a respeito da Guerra Fria. Segundo Halliday (1999), George Kennan, o idealizador da política de contenção, acreditava que a influência internacional de um regime revolucionário estava centrada na questão ideológica e na capacidade de ser um exemplo bem-sucedido tanto em suas capacidades diplomáticas quantomilitares - para isso, era necessário que a ideologia revolucionária fosse capaz de dialogar com as grandes massas. O mesmo pode ser aplicado a um governo contrarrevolucionário, de forma que não bastava que o regime estadunidense exercesse pressão militar sobre a União Soviética. Era necessário, também, que o regime capitalista fosse capaz de gerir a rivalidade ideológica a seu favor. Assim, a política de contenção proposta por Kennan sustentava que o sucesso político do Ocidente seria capaz

de contribuir para o colapso do modelo soviético, justamente porque ficaria claro que este não era alternativa à altura do capitalismo (HALLIDAY, 1999).

4 Da Crise do Concerto de Viena à Contrarrevolução Capitalista

Após a derrota da Revolução Francesa com a batalha de Waterloo em 1815, os países vencedores elaboraram no Congresso de Viena a ordem que seria estabelecida, buscando contornar as heranças revolucionárias, tendo como expoente do movimento contrarrevolucionário o chanceler Metternich (HALLIDAY, 1999). O Congresso de Viena foi, dessa forma, uma tentativa de homogeneizar a França pós-revolucionária, mas o retorno possível era apenas parcial, visto que por mais que se tentasse restituir a Velha Ordem, a sociedade já havia mudado. A ressocialização da Revolução Francesa se dá em uma ordem já alterada, sendo possível apenas uma versão reformada da ordem anterior (CHAN & WILLIAMS, 1985).

O Sistema de Estados europeu do século XIX visava não só conter as revoluções, mas também impedir que novamente houvesse uma guerra europeia. Nesse sentido, apesar de não ser rígido, o sistema conseguiu se manter efetivo durantequase um século, sendo posto em cheque apenas com a instabilidade generalizada que atingiu a Europa nas duas primeiras décadas do século XX (HALLIDAY, 1999). Esta foi consequência das chamadas crises da modernização, resultado dos processos de urbanização e de industrialização intensos pelos quais a Europa passava, que alteraram as estruturas e as relações sociais e foram seguidos de profundas crises socioeconômicas - comprocessos inflacionários e recessivos -, e políticas - com o fracasso do liberalismo do século XIX (MAYER, 1971). É nesse contexto que se dá a Revolução Russa de 1917, que se torna um fator central acelerador dessas contradições já em curso.

A crise dos primeiros vinte anos do século passado era tanto uma crise do sistema *entre Estados* quanto uma crise do sistema político *dos Estados*, culminando no grande conflito interestatal da SegundaGuerra Mundial, que deu início a um período de revoluções e contrarrevoluções em toda a Europa (HALLIDAY, 1999). A guerra serviu para intensificar as indagações sobre a política europeia, com a

ordem vigente perdendo espontaneidade e passando a ser cada vez mais questionada. A contenção,dentro dos países capitalistas,da ameaça crescente representada pelo comunismo se viu constrangida pela ruptura da divisão internacional do trabalho em razão do conflito, que reduziu a Europa economicamente e criou as condições para a intensificação dos conflitos de classe no Oeste – alterando fortemente as relações sociais (COX, 1984).

O Tratado de Versalhes de1919 era, em medida ampla, uma tentativa de replicar a estratégia adotadaem Viena um século antes, de estabelecer por conferências internacionais fronteiras definidas e organismos de cooperação internacional institucionalizada, visando reestabelecer a ordem internacional (HALLIDAY, 1999). Mas isso não foi suficiente para resolver a crise generalizada da sociedade europeia, que se tornou ainda mais explosiva, culminando com a Segunda Guerra Mundial, que apenas acelerou o declínio burguês na Europa, em parte, devido aos imensos impactos que teve sobre as forças produtivas (COX, 1984).

Após a Segunda Guerra Mundial, novamente se busca a construção de um quadro institucional que possa impedir maior erosão da ordem, desta vez a partir da série de conferências em Teerã (1943), Ialta (Fevereiro de 1945) e Potsdam (Julho de 1945).A Guerra Fria posteriordeu-seem grande parte devido ao sucesso estadunidense em pautar nesta época a mobilização para estabelecer as condições necessárias para o domínio burguês e para a acumulação de capital em escala global, a partir da retórica da defesa da democracia contra o totalitarismo soviético (COX, 1984).

A Guerra Fria era o conflito principal existente entre os EUA e a URSS como dois sistemas sociais rivais, capitalista e comunista, organizados sob princípios sociais contrastantes, com propriedade privada naqueles e coletiva ou estatal nesta, embora pregassem da mesma forma que se tratavam ambos de sistemas mundiais que deveriam inspirar outros Estados (HALLIDAY, 1983). Contudo, esse conflito só adquiriu tais dimensões pelo quase colapso da burguesia europeia ocidental em decorrência da decadência dos cinquenta anos anteriores, mencionada acima. A existência do comunismo, diante disso, era percebida como uma ameaça na medida em que exacerbava a crise do capitalismo, ao representar uma alternativa em potencial. Assim, nesse conflito entre capitalismo liberal e o socialismo

autoritário, os EUA e seus aliados se colocavam como os defensores da contrarrevolução (HALLIDAY, 1999).

4.1 Contrarrevolução e transformação capitalista

A defesa do capitalismo exigia a organização da contrarrevolução tanto dentro de cada país quanto no estrangeiro, assumindo no mundo ocidental um caráter largamente preventivo, em que o capitalismo buscou reorganizar a si mesmo para estar à altura da ameaça da revolução, a qual seria a primeira realmente mundial e histórica, visto a intensa internacionalização do modo capitalista (HERBERT, 1972). A ascensão da URSS tornou a burguesia norte-americana notadamente consciente sobre o que deveria ser feito para restaurar o domínio burguês: em primeiro lugar, ficou claro aos próprios Estados Unidos que teriam que se mobilizar e mudar; em segundo lugar, a Europa Ocidental teria de ser reestruturada; e, finalmente, o ataque ideológico era necessário para que a disciplina fosse restaurada (COX, 1984).

Na mesma época em que a sociedade americana estava sendo remodelada pela Guerra Fria, os Estados Unidos propositalmente voltaram-se para a reestruturação da Europa Ocidental, buscando atacar as duas forças tidas como opostas ao crescimento estável capitalista: as barreiras econômicas nacionais e os Partidos Comunistas (COX, 1984). As barreiras econômicas impediam a livre circulação de bens e serviços para a potência capitalista, vistoque os Estados Unidos tinham sua busca constante por mercados prejudicada pelos entraves burocráticos. Além disso, os partidos comunistas representavam uma ameaça ideológica ao fortalecimento do pensamento capitalista e à sua influência crescente ao redor do mundo. De tal forma, a ajuda americana maciça, a partir do Plano Marshall de 1947, providenciou assistência técnica e financeira à Europa, contribuindo para a reconstrução da infraestrutura do continente e para o fortalecimento de suas economias, impedindo que crises maiores se alastrassem após a Segunda Guerra, diminuindo o espaço para o fortalecimento do comunismo ao estabilizar a região (MAYER, 1971).

A partir do Plano Marshall, programas de assistência internacional ao desenvolvimento tornaram-se componentes centrais da política externa estadunidense. Buscavam tanto criar mercados para os EUA, fortalecendo a economia do país, quanto reduzir a pobreza em países em desenvolvimento a fim de diminuir a ameaça

ao comunismo por meiodo avanço do desenvolvimento capitalista (USAID, 2017) . Em 1961, foi criada a Agência para o Desenvolvimento Internacional (USAID[2], encarregada de centralizar todos os programas direcionados ao desenvolvimento econômico externo. A criação da USAID representava a centralidade da política econômica de apoio como forma de contenção do comunismo, conforme deixa claro discurso pronunciado pelo Presidente Kennedy na época de sua criação:

> A habilidade de fazer compromissos de largo alcance permitiu à União Soviética usar seus programas de assistência para tornar as nações em desenvolvimento dependentes do apoio russo,de tal forma avançando com os objetivos do comunismo mundial [...].Não há como escapar de nossas obrigações: nossas obrigações marais como líder sábio e como bom vizinho na comunidade interdependente das nações livres – e nossas obrigações econômicas como o povo mais abastado em um mundo na sua maioria pobre, como uma nação não mais dependente de empréstimos estrangeiros que uma vez nos ajudaram a desenvolver nossa própria economia – e nossas obrigações políticas como o único maior adversário aos opositores da liberdade.
> [...] Deixar de cumprir nossas obrigações agora seria desastroso e, no longo prazo, mais custoso. Pois pobreza generalizada e caos podem levar ao colapso das estruturas sociais e políticas existentes, o que pode inevitavelmente ser um convite ao avanço do totalitarismo para cada área fraca e instável. De tal forma, nossa própria segurança e prosperidade estariam ameaçadas. Um programa de assistência para as nações subdesenvolvidas deve continuar, pois os interesses da nação e a causa da liberdade política requerem isso.
> [...] Vivemos em um momento muito especial na história. A metade sul inteira do mundo – América Latina, África, Oriente Médio, e Ásia – está imersa nas aventuras de afirmar sua independência e de modernizar suas velhas maneiras de vida. [...] Em nossos tempos, essas nações precisam de nossa ajuda por um motivo especial: sem exceção, estão sob pressão comunista.
> […] mas a tarefa fundamental de nosso programa de assistência externa não é negativamente lutar contra o comunismo: a tarefa fundamental é ajudar a fazer uma demonstração histórica de que no século XX, assim como o foi no século XIX – tanto na metade sul quanto na metade norte do globo – crescimento econômico e democracia política podem se desenvolver lado a lado.
>
> (KENNEDY, 1961, s/p., tradução nossa).

2 Em seguida ao Plano Marshall e ao "Point Four Program" do Presidente Truman - que estabelecia como ponto de seu projeto para a Política Externa dos EUA um programa para compartilhamento de know-how - foram estabelecidos também sistemas e programas educacionais, como o Programa Fullbright de bolsas acadêmicas,criado em 1946, que globalizava o programa dos tempos de guerra de troca de profissionais entre a América Latina e os Estados Unidos, contribuindo, em grande medida, para a exportação dos valores capitalistas a outras partes do globo.

Esse discurso deixa claro como os projetos de assistência externa tinham uma lógica claramente contrarrevolucionária, visando a se contrapor às medidas semelhantes adotadas pela URSS (para impedir que essa continuasse "avançando com os objetivos do comunismo mundial"). Ao mesmo tempo, revela como funcionava o discurso usado para justificar as medidas contrarrevolucionárias para obter o apoio doméstico às intervenções no resto do mundo: pela construção da imagem da revolução como ameaça à segurança do próprio país ("nossa própria segurança e prosperidade estariam ameaçadas"),e pela associação da intervenção estadunidense à defesa da liberdade e da democracia ("nossas obrigações políticas como o único maior adversário aos opositores da liberdade"), vinculando as duas ao capitalismo. No último trecho, percebe-se como essa narrativa é próxima a um "dever civilizatório", quase que em uma retomada de um "Destino Manifesto do Século XXI".

A ameaça real do comunismo explica também as origens do intenso crescimento econômico do Leste Asiático , para além da exclusão da China como competidora(HALLIDAY, 1999). A dificuldade de expansão da revolução na Indochina foi bloqueada não pela intervenção militar estadunidense, mas pela transformação preventiva, e mais efetiva, dos outros Estados regionais[3]. Segundo William Blum (2003), durante os anos 1960 e 1970 a USAID trabalhava junto da CIA e serviu diversas vezes como uma frente para o treinamento de pessoal especializado em métodos de contra insurgência.

Em casos em que os governos eram hostis aos EUA, a USAID atuava muitas vezes de forma contrária aos interesses do regime local, sem que este soubesse, o que incluía frequentemente o apoio a movimentos políticos de oposição, buscando a remoção do governo. Aqui cabe destacar a Operação Gladio, importante operação contrarrevolucionária baseada em uma rede paramilitar secreta estabelecida em toda a Europa nãocomunista, que recebia fundos, armamentos e treinamento para responder em caso de um ataque soviético inesperado. Diante da ausência

3 Os EUA também prestaram apoio técnico para o desenvolvimento na China, por meio de uma Comissão Conjunta Sino-Americana de Reconstrução Rural, fundada em 1948, após a Guerra Civil Chinesaa Comissão mudou-se para Taiwan, onde credita-se à sua ação as bases da agricultura nos anos 1950 e 1960, que levou ao crescimento econômico notável de Taiwan nas décadas seguintes, pela coordenação de um programa de desenvolvimento econômico, social e técnico.

de qualquer ataque russo, contudo, a operação foi usada quase exclusivamente para causar dano político a movimentos domésticos de esquerda (BLUM, 2003).

Cabe ressaltar o papel que as concepções socialdemocratas tiveram no enfraquecimento do socialismo, devido à sua incorporação ao capitalismo do período seguinte à Segunda Guerra. As concepções socialdemocratas são essenciais para o entendimento da contrarrevolução, pois ultrapassam a organização formal da socialdemocracia, sendo, às vezes característica principal de setores que se dizem em oposição a ela mesma, como ocorre no bloco capitalista, que incorpora essas tendências. Dessa forma, a socialdemocracia simboliza a luta histórica do capitalismo em justificar-se perante a sociedade como progressista, especialmente como forma de inserir os trabalhadores em seus quadros (GCI, 2009).

Nesse sentido, o sistema capitalista no Ocidente também conseguiu atingir muitos dos objetivos que levavam à ocorrência de revoluções nos países subdesenvolvidos, por exemplo, pela elevação das rendas eda oferta de meios de sobrevivência à maioria da população (HERBERT, 1972). Onde a estrutura capitalista era concentrada e ao mesmo tempo mantinha um padrão de vida relativamente elevado para a população, o povo se mostrava apático, quando não hostil, ao socialismo (HERBERT, 1972). Ao mesmo tempo, a criação da "sociedade do consumo", que contribuiu para aumentar a dependência da população, serviu para sustentar as relações de produção capitalistas, para assegurar o apoio popular e para desacreditar a racionalidade do socialismo.

Nesse contexto, os movimentos revolucionários se encontravam diante de um problema grave de comunicação, pois o povo estava muito distante e fechado aos conceitos e proposições da teoria marxista, o que era resultado não só de sua educação, mas dos esforços do establishment, representado pelas grandes mídias, em estabelecer sua própria linguagem que obscurecia as diferenças entre a sociedade proposta pelos revolucionários e a existente (HERBERT, 1972). Em síntese, onde não havia uma agenda revolucionária já estabelecida, havia um terreno fértil para a grande mídia contrarrevolucionária, o que pode ser atribuído também à facilidade do discurso conservador em dialogar com a população, por ser mais próximo ao senso comum, bem como à dificuldade da esquerda emultrapassar seu caráter acadêmico, que pouco dialogava com a classe trabalhadora.

Em certos aspectos, repetia-se a tendência histórica que se seguiu à Revolução Francesa, em que a velha ordem, após consolidada pelo Congresso de Viena, reviveu formas tradicionais, como a religião e a família.Em 1947 não foi diferente - a vida intelectual remodelou-se para apoiar o novo conservadorismo (HERBERT, 1972). A partir de 1947, então, foi preciso reconstruir os suportes ideológicos da sociedade burguesa, que se pautou tanto na retomada desses valores conservadores quanto na construção do individualismo e da meritocracia em oposição aos objetivos coletivos (COX, 1984).

Para a exportação dos valores capitalistas, simbolizados pelo *American Way of Life*, foi essencial a atuação da grande mídia. Assim esses "contra-valores" que pregam um "contra-comportamento" em oposição àquele propostopela revolução socialista acabavam por isolar o movimento radical do povo (HERBERT, 1972). Essa estratégia contrarrevolucionária preventiva tinha um grau elevado de sucesso porque quando e onde o movimento ainda não tinha criado raízes nas bases populares, estava sujeito à perseguição sem grandes esforços ou resistência, visto sua fraqueza numérica.

Em suma, cabe destacar os quatro pontos em que a exploração da rivalidade ideológica com a URSS acabou por contribuir para a estabilidade ocidental no período do pós-guerra:

> [E]m primeiro lugar, ao opor-se ao Ocidente, a URSS aparecia como uma grande "ameaça", o que foi aproveitado pelos Estados Unidos e incorporado com sucesso no planejamento de política externa. Muito rapidamente, a América passou a perceber essa "ameaça" como central para a manutenção da posição de Washington no mundo capitalista ocidental. Muito obviamente, a ameaça soviética angariava apoio e neutralizava às críticas domésticas das políticas dos EUA no exterior. A ameaça de tal forma legitimava a expansão imperial americana no pós-guerra fria assim como suas numerosas intervenções militares no Terceiro Mundo. Além disso, a "defesa do Ocidente" pelos EUA contra o "imperialismo soviético" também fortalecia sua posição no "mundo livre", portanto reforçando a dependência de seus aliados mais fracos sobre os EUA (COX, 1984, p 16).

Finalmente, no sentido histórico mais amplo, a luta contra a União Soviética criou um ponto fixo de oposição em torno do qual o Ocidente se uniu, após décadas de conflito. Diante disso, a rivalidade com o bloco socialista acabou por trazer harmonia e unidade para as relações intercapitalistas (COX, 1984).

5 Considerações Finais

A contrarrevolução capitalista, entendida no sentido amplo das políticas e estratégias adotadas pelo bloco capitalista durante a Guerra Fria visando a conter ou a prevenir a expansão soviética, acabou por fortalecer o sistema capitalista e a ordem mundial que o acompanha.Isso não significa dizer que essas estratégias foram a peça-chave para a queda da URSS. Para isso, outros fatores, incluindo as dinâmicas internas da União Soviética, tiveram peso igualmente relevante. Antes, o que chamamos de contrarrevolução capitalista serviu para o objetivo de impedir a expansão do socialismo para o resto do mundo, pela exportação da revolução.

Tal ordem mundial capitalista, contudo, só pode ser mantida pela transformação do próprio sistema, calcada na transformação material do capitalismo, que permitiu o avanço e o desenvolvimento do capital, ao mesmo tempo incorporando traços capazes de contrapor os objetivos propostos pelo comunismo. A partir dessas transformações, foi possível a exploração do embate ideológico para a construção da imagem da revolução como uma ameaça à ordem interna dos EUA, expoente do bloco capitalista, como forma de legitimar as intervenções do governo perante sua própria população e seus aliados.

Além disso, a manutenção de políticas contrarrevolucionárias durante a época da Guerra Fria foi orquestrada a partir da negociação do novo quadro institucional que governaria as relações no pós-guerra, a partir dos acordos coletivos estabelecidos nas Conferências que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Reforça-se a tendência histórica da necessidade de legitimidade perante os Concertos de Estados para que a agenda contrarrevolucionária consiga se sustentar - como ocorre no Congresso de Viena em 1815, após a Revolução Francesa; nas Alianças Monárquicas em razão da chamada Primavera dos Povos, de 1848; no Tratado de Versalhes, após a Revolução Russa de 1917. São todas tentativas de conter a espontaneidade da ordem das coisas - pois, conforme visto, a partir do momento em que esta passa a ser questionada por grande parte dos componentes do sistema e, portanto, desafiada, dificilmente se consegue conter o ímpeto revolucionário.

O fato de a ordem contrarrevolucionária, que busca amenizar os impactos de uma revolução, ter de incorporar algumas das mudanças causadas por esta reforça,

por si só, a importância das revoluções para a transformação das sociedades e, de tal forma, do estudo das revoluções. Independentemente do sucesso ou do fracasso dos movimentos em conquistar e em manter o poder, as grandes revoluções até agora revolucionaram,de fato ede forma irreversível, as relações sociais, econômicas e políticas. A restauração, de tal forma, só é possível caso se consiga mediar as características centrais da velha ordem às novas características incutidas na nova ordem, e que não mais podem ser ceifadas - não sem que se incorra no risco de novas convulsões sociais que ameacem corroer ainda mais o tecido social. De tal forma, o retorno à Velha Ordem será sempre uma síntese entre o novo e o velho que consiga manter-se o mais próxima possível do estado anterior à revolução diante das novas circunstâncias.

Por fim, a partir do estudo da contrarrevolução capitalista no século XX, podemos arriscar algumas previsões para a conjuntura atual. A transformação do capitalismo na segunda metade do século passado acarretou em um novo pacto social, em que a concessão de direitos serviu para apaziguar a classe trabalhadora. Com a consolidação e o avanço do neoliberalismo nos fins dos anos 1980, podemos considerar que se inicia a corrosão desse pacto, com crescente agitação social, em que as contradições do capitalismo estão cada vez mais em evidência, sinalizando o início de uma nova onda de revoluções.

Hegemonic Response to Revolutionary Ideals: Counter-revolution and its Impact on the International System

ABSTRACT: The aim of this paper is to understand the process of counter revolutions, its implications forrevolutions and its impact onthe International System as a whole. Therefore, we analyze how hegemonic order responds to those revolutions, modifying their own structure, and how this process strengthens the hegemonic system. First, theoretical issues are addressed in order to clarify the concepts, and afterwards we analyze the example of the Russian Revolution and of the rise of the Soviet Union in order to understand how the ideological conflict of the Cold War helped to transform the capitalist system, making it stronger.

KEYWORDS: Revolution; counter revolution; Cold War; capitalism.

Referências

BLUM, William. **Killing Hope: U.S. Military and CIA Interventions Since World War II – Part I.** Londres: Zedbooks, 2003.

BURKE, Edmund. **The Works and Correspondence of Edmund Burke.** Londres: Francis Rivington, 1852.

CHAN, Stephen; WILLIAMS, Andrew. **The Renegade States: the evolution of revolutionary foreign policy.** Manchester: Manchester University Press, 1985.

COX, Michael. Western Capitalism and the Cold War System. In.: SHAW, Martin (Ed.). **War, State and Society - Vol II.** Londres: Palgrave Macmillan UK, 1984,p. 136-194.

GATES, Robert M. **From the shadows: The Ultimate Insider's Story of Five Presidents and How They Won The Cold War.** Nova Iorque: Touchstone, 1996.

GCI, Grupo Comunista Internacionalista. L**a contrarrevolución rusa y el desarrollo del capitalismo.** 1ª ed. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2009.

GOLDSTONE, Jack. Ideology, Cultural Frameworks and the process of revolution. **Theory and Society,** vol. 20, 1991, p. 405-453.

HALEVY, Ran. La contre Révolution. In: Histoire, économie et société, 1991, 10 année, n°1. **Le concept de révolution**. p. 29-32.

HALLIDAY, Fred. **Revolution and World Politics: The Rise and Fall of the Sixth Great Power.** Londres: MacMillan Press, 1999.

HALLIDAY, Fred. **The Makings of the Second Cold War.** Londres: Verso, 1983.

KENEDY, Jonh F. **Special Message to the Congress on Foreign Aid.** 22 de Março de 1961. Disponível em:<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=8545>. Acesso em: 10 dez. 2016.

KISSINGER, Henry A. **The World Restored: Metternich, Casttlereagh and the problems of peace 1812 - 1822**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1957.

MARCUSE, Herbert. **Counter-revolution and Revolt.** Boston: Beacon Press Books, 1972.

MAYER, Arno. **Dynamics of Counterrevolution in Europe, 1870-1956:An Analytic Framework**. Nova Iorque: Harper and Row, 1971.

MOLNAR, Thomar. **The Counter Revolution.** Londres: Funk & Wagnalls Co, 1969.